

PROPOSTA PARA A CRIAÇÃO DE UM “MUSEU DA PEDRA “ NA REGIÃO DE MONTE LAVAR-PERO PINHEIRO (Concelho de Sintra)

José Manuel Brandão

INTRODUÇÃO

Em vários países do mundo, tem-se assistido nos últimos anos ao desenvolvimento de projectos de valorização do património arqueológico-industrial constituído pelas explorações mineiras abandonadas ou ainda em lavras* . Tal como as minas, também algumas pedreiras têm vindo a ser objecto de atenção dos museólogos, pela riqueza que representam em termos do património científico, histórico, etnográfico e arqueológico industrial. Alguns destes projectos, têm sido levados a cabo como resultado de uma profícua colaboração entre os sectores público e o privado, diversificando deste modo as fontes de financiamento que garantem a prossecução dos objectivos traçados.

No que respeita concretamente a intervenções sobre o *património mineiro*, embora existam no nosso país algumas áreas sobre as quais se justifica plenamente uma intervenção a curto prazo como por exemplo de Aljustrel e as da Panasqueira, (actualmente quase desactivadas), ou as minas de carvão do Pejão, não foram ainda concretizadas quaisquer acções globais de natureza museológica, quer focalizadas sobre as *técnicas* e os *instrumentos de trabalho* próprios desta importante indústria, quer sobre as *comunidades* que se estabeleceram e viveram em torno da exploração e transformação dos recursos minerais.

A proposta que se apresenta, visa precisamente contemplar estes dois aspectos: por um lado entendemos que é necessário documentar a evolução tecnológica da exploração e da lavra das pedras ornamentais nesta região, por outro entendemos que tal estudo só tem significado se, paralelamente, se caracterizarem as profissões e a vida social dos operários desta indústria.

O estabelecimento na área de Montelavar, de um núcleo museológico sobre o *trabalho da pedra*, é um sonho acalentado por vários naturais da região e já há alguns anos falado ao nível da autarquia, onde em tempos foi proposto pelo etnólogo Carlos Lopes Cardoso (RIBEIRO, 1986).

* Consulte-se a este propósito o artigo de J. Custódio citado na bibliografia.

INDÚSTRIA DAS ROCHAS ORNAMENTAIS

1. AS ROCHAS DE PERO-PINHEIRO

Os extensos afloramentos rochosos de idade cretácica, que deram lugar à instalação da indústria extractiva nesta área, são, do ponto de vista petrográfico, calcários microcristalinos, com uma coloração que varia entre o branco e o avermelhado. A sua grande beleza é em parte devida à presença de inúmeros fósseis de *rudistas*.

As mais importantes variedades são o *Lioz* (largamente exportado para o Brasil nos séculos XVI-XVII), o *Vielraço*, o *Bastardo* (usado na época pombalina em larga escala, patenteia actualmente forte alteração pelos agentes atmosféricos e a poluição) e o *Chanfana*, apenas aplicado em cantaria de qualidade inferior.

2. BREVE PANORAMA DA INDÚSTRIA

Tendo em consideração os vestígios arqueológicos existentes nesta área, supõe-se que a exploração das rochas ornamentais tenha começado na época romana (RIBEIRO, *et alia* 1986), durante a qual os blocos extraídos terão sido difundidos por todo o Município Olisiponense, norte da Península Ibérica e margem sul do Tejo, tendo mesmo chegado a Itália (CAT. EXPO).

As pedras exploradas nesta região foram, no século XVIII, intensamente utilizadas na cantaria de muitos edifícios na área da grande Lisboa (sobretudo na reconstrução da cidade após o terramoto

de 1755), bem como na construção do convento de Mafra, erigido sob a orientação do arquitecto alemão Francis Ludwig.

A extracção e a lavra das rochas ornamentais, funcionou como pólo de atracção de gentes vindas de outras partes do país, que se terão fixado na zona para trabalhar como cabouqueiros e canteiros, embora na opinião de alguns investigadores, nomeadamente P. MONTEIRO (1950), dado o facto de os blocos serem então normalmente lavrados no próprio local das obras, estes últimos só se deverão ter fixado na região numa época mais tardia, provavelmente apenas a partir do período pós-terramoto de Lisboa de 1755.

A partir de meados dos anos 50 do nosso século, a indústria extractiva nesta região entrou em declínio face à forte competição dos calcários cristalinos do Alto Alentejo, mais procurados pelos mercados interno e externo. Tal facto, ocasionou além de um flagrante desinvestimento em termos de renovação e melhoria dos equipamentos existentes, o progressivo abandono das pedreiras existentes, passando as indústrias de transformação locais a laborar pedras vindas de outras zonas do país e do estrangeiro. Aliás, a tendência para o abandono progressivo das pedreiras locais mantém-se até à actualidade, de uma forma evidente, enquanto a tendência nacional é para uma expansão do sector (PDM D4, 1989 e MARTINS, 1990), não obstante as reservas certas de calcários ornamentais nesta região serem muito importantes, suficientes mesmo para fazerem ponderar uma reabilitação da indústria local (MARTINS, 1991).

O estudo dos valores relativos à distribuição das várias indústrias ao nível concelhio, mostra que as rochas ornamentais geram actualmente, cerca de 17% do emprego global e cerca de 10% do produto total no concelho de Sintra (PDM, 1988), valores, no entanto, mais baixos do que há uma dezena de anos. Embora não tenhamos dados seguros, estima-se que existam na área cerca de 200 empresas ligadas ao sector (quase todas de pequena e média dimensão), onde laboram cerca de 3 000 trabalhadores.

Pode dizer-se ainda que o trabalho artesanal em pedra, praticamente desapareceu da região nos últimos anos, face ao aparecimento dos modernos equipamentos eléctricos, que permitem

obter rapidamente e a preços mais baixos, todo o trabalho de cantaria, satisfazendo assim parte significativa da procura. Outra razão de peso é o manifesto desinteresse das faixas etárias mais baixas de trabalhadores. Subsistem ainda no entanto, alguns pequenos núcleos artesanais, virados sobretudo para a produção de estatuária e arte fúnebre.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Do nosso ponto de vista, são várias as razões que justificam plenamente, nesta área, a criação de um pólo museológico sobre o trabalho da pedra:

1. Esta região é actualmente, a nível nacional, um dos mais importantes centros de transformação de rochas ornamentais;
2. Do ponto de vista da extracção, se bem que a importância desta zona tenha diminuído substancialmente face à de outras zonas do país, durante muitos séculos a sua posição foi bastante relevante;
3. É necessário fixar e preservar os traços fundamentais de uma paisagem e um património industrial, revalorizando simultaneamente as zonas mais degradadas pelas explorações abandonadas;
4. Através da instalação deste pólo, poder-se-iam potenciar as possibilidades turístico-culturais da região, reforçando a identidade local.

Duas outros factores nos parecem ainda ser de ponderar: Montelavar, possui bons acessos, beneficiando de uma situação estratégica dentro do triângulo turístico Cascais - Sintra - Maira, o que *a priori* é uma garantia de um público regular, para além da

comunidade local. Por outro lado, graças à forte posição no mercado internacional que as rochas portuguesas têm sabido manter, um núcleo museológico nesta zona, focalizado nos trabalhos da exploração e lavra das pedras poderá servir como cartão de visita ou sala de acolhimento dos promitentes compradores internacionais bem como possível pólo de atracção de exposições de arte em pedra e das tecnologias específicas do sector.

Em nossa opinião, este projecto deveria pautar-se pelos seguintes objectivos gerais:

- **Contribuir** para o desenvolvimento local, implementando actividades turístico-culturais e revalorizando as artes da pedra e da cantaria;
- **Recolher e preservar** os testemunhos materiais relativos aos trabalhos de extração e lavra das rochas ornamentais;
- **Documentar** estas actividades, estabelecendo a evolução dos materiais e técnicas utilizadas na região, ao longo do tempo;
- **Documentar** as principais transformações da vida social e económica da comunidade local, ocasionadas pela actividade do sector
- **Promover** o acolhimento e informação do público mediante a realização de actividades educativas e culturais;
- **Divulgar** a investigação realizada através de exposições e da musealização *in situ* de peças do património arqueológico industrial e da realização de percursos de exploração do território.

O “Museu da Pedra” que idealizamos para a área de Montelavar, deveria ser um museu *aberto e poli-nucleado*, pois, pela

especificidade do seu tema, não se pode resumir a um espaço de exposição (de longa duração e/ou temporária) instalado num edifício ou numa das muitas pedreiras abandonadas, mas se projectar sobre o território, prolongando-se por um circuito de visita que englobasse os antigos “telheiros” ainda existentes, actuais oficinas de lavra, pedreiras e os campos de lapiás da Pedra Furada (sítio classificado), interessante pólo de conservação e observação do património natural. Parte integrante deste museu seria também o percurso Pero Pinheiro, Cheleiros, Mafra, imortalizado por Saramago no seu magistral *“Memorial do Convento”*

Este “Museu da Pedra”, seria também um espaço permanente de desenvolvimento de actividades de carácter cultural dinamizadas não apenas pelo “staff”, mas também de acolhimento de iniciativas que partissem das indústrias do sector e dos restantes parceiros sociais directa ou indirectamente ligados ao sector.

O núcleo museológico, poderia ainda acolher no seu seio os artesãos que ainda trabalham na região, mantendo desta forma um “atelier-escola” permanente, dedicado às artes da cantaria e estatuária, contribuindo assim de uma forma eficaz para o relançamento desta actividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUSTÓDIO, J. (1993) — As minas abandonadas do ponto de vista da arqueologia mineira e industrial. *Boletim de Minas*, 30 (2) pp. 73-84, Lisboa.

Estudos prévios do Plano Director Municipal (PDM). Relatórios *D3* — *População e povoamento* (1985), *D6* — *Sistema urbano* (1988) e *D4* — *Estudos económicos* (1989).

Gab.do Plano Director Municipal, Câmara Municipal de Sintra.

MARTINS, R. (1990) — A indústria extractiva das rochas ornamentais. *Boletim de Minas*. Lisboa.

MARTINS, R. (1991) — Estudo dos calcários ornamentais da região de Pero-Pinheiro. *Estudos Notas e Trabalhos do Serv. Fom. Min.* 33, pp. 105-163. Porto.

MONTEIRO, Pardal (1950) — *Canteiros e cantarias de Pero Pinheiro*. Sintra turística, Comercial, Industrial e Agrícola, pp. 89-97. Sintra.

O Trabalho e as Tradições religiosas no Distrito de Lisboa. Catálogo da Exposição de Etnografia. Governo Civil de Lisboa, 1991.

RIBEIRO, C., CABRAL, M.E. & NUNES, M.L. (1986) — Contributos museológicos para uma abordagem antropológica da região saloia. Colóquio APOM/85. *Cadernos de Museologia* 3. APOM. Lisboa.

SARAMAGO, J. (1984) — *Memorial do Convento*. Editorial Caminho. Lisboa.